

S.K. Vaughn

ATRAVÉS
DO
VAZIO

Tradução
Renato Marques



Copyright © 2018 by Little, Brown Book Group

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Across the Void

Capa
Ceara Elliot

Foto de capa
Getty Images/ Shutterstock

Preparação
Emanoelle Veloso

Revisão
Thaís Totino Richter
Renata Lopes Del Nero

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vaughn, S.K.
Através do vazio / S.K. Vaughn ; tradução Renato
Marques. — 1ª ed. — Rio de Janeiro : Suma, 2019.

Título original: Across the Void.
ISBN 978-85-5651-083-9

1. Ficção norte-americana I. Título.

19-26921

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Iolanda Rodrigues Biode – Bibliotecária – CRB-8/10014

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhidasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editorasuma

instagram.com/editorasuma

twitter.com/Suma_BR

Para Pokey. Podemos ser tudo.

*O amor não conhece barreiras. Ele salta obstáculos, pula cercas,
transpõe muralhas para chegar ao destino cheio de esperança.*

Maya Angelou

Não acredito em Deus, mas tenho muito interesse nela.

Arthur C. Clarke

1

Abril de 2045 — Bournemouth, Reino Unido

— Você foi longe demais.

Eva estava de pé à beira da lagoa do jardim na luz fraca de verão. As linhas de preocupação em seu rosto jovem eram culpa de sua intrépida filha, May, de dez anos, que estava chapinhando na água verde, com sua touca de natação verde-limão favorita e óculos combinando. Ela sorriu quando viu o olhar preocupado da mãe, uma confirmação de que o que ela estava fazendo realmente apresentava risco. Eva não era uma mãe superprotetora, mas nadar ao longo de toda a lagoa de água turva, submersa por todo o caminho, não lhe parecia algo divertido ou esperto. Ela estendeu a toalha para May.

— Bom, em todo caso é hora do almoço, então, por favor, saia dessa sujeira e...

— Cronometra pra mim — gritou May, e mergulhou.

— Pestinha — disse Eva.

Sob a água, May ficou empolgada com o som abafado da exasperação da mãe, e mais determinada ainda a tentar provar que estava à altura da tarefa. Ela bateu as pernas vigorosamente, chutando a água, ao longo do que achava ter sido uma enorme distância, e subiu à tona para dar uma rápida olhada em seu avanço. Ficou desanimada ao descobrir que só havia percorrido um terço do caminho. Já estava se sentindo exausta, a água fria da lagoa enrijecendo seus músculos. Para piorar ainda mais as coisas, a sua breve subida à superfície provocou chamados irritados de Eva para que a menina a ouvisse pelo menos dessa vez e saísse da lagoa antes de se afogar.

Afogamento.

Desde bem pequena, May era uma excelente nadadora, talentosa e forte para a idade. A ideia de morrer em um mundo no qual se sentia tão confortável e confiante, talvez até mais do que em terra, tinha sido absurda... até aquele dia na

lagoa. A cada braçada, seus braços e pernas pareciam mais pesados e seus pulmões doíam. Ela engolira uma rápida golfada de ar quando emergiu, mas o alívio não durou nada. Em algum lugar no fundo de sua mente, os avisos de sua mãe sobre nadar nas lagoas do jardim começaram a ressoar. A água estava sempre fria e o clima nunca oferecia sol suficiente para aquecê-la mais do que alguns centímetros abaixo da superfície embaciada e não refletiva. E, ao contrário da água salgada, não oferecia nada em matéria de fluatuabilidade, especialmente para uma criança com muito pouca gordura ou massa corporal. Nada mal para um mergulho em um dia quente de verão, mas certamente não devia ser confundida com uma piscina.

Mas eu sou extraordinária, ela pensou, eu sou excepcional.

Sua animadora de torcida interior tinha sido eficaz em motivá-la antes, mas tudo parecia oco em suas pequenas orelhas doloridas de frio. Abrindo mão do orgulho, ela subiu à tona de novo para respirar, mas constatou que ainda faltava percorrer o terço final do caminho para chegar ao outro lado, uma distância que parecia tão vasta quanto o canal da Mancha. Ela engoliu ar e tentou recobrar o fôlego batendo as pernas para boiar em posição vertical, mas a exaustão que sentia estava espalhando dormência por todo o corpo.

Os braços e pernas de May se agitaram, gastando sua última dose de força para manter a boca acima da água, e ela sentiu uma raiva rígida por sua estupidez em ignorar os avisos da mãe. Tentou avistar Eva uma última vez, na esperança de que ela entendesse seu silencioso pedido de ajuda no lugar do grito para o qual seu peito trêmulo não tinha fôlego. Ela não viu nada além do cinzento céu de ferro que se dobrava sobre uma paisagem enfadonha e zombeteira, e em seguida afundou feito uma pedra. Prender seu último fiapo de respiração foi tudo o que ela conseguiu fazer, e sentia que até mesmo essa capacidade já lhe escapulia. Seu corpo parecia azul com a morte congelante, como uma mão mergulhada na neve, e a escuridão de profundezas cobertas de ervas daninhas a envolveu. Em seguida ela sentiu uma dor muito aguda no peito e ouviu a ordem de uma voz imponente, puxando-a do abismo.

— Respire.

2

25 de dezembro de 2067 — Espaçonave de Pesquisa do Espaço Profundo *Hawking II*

O corpo nu de May jazia suspenso sobre o gel hipotérmico no silêncio espectral de uma cápsula de isolamento de tratamento intensivo. Entubada e presa a todos os dispositivos de ressuscitação imagináveis, seu único sinal vital era um chilrear de sons robóticos. A cápsula, um casulo bulboso com uma película opaca-leitosa, pulsava suavemente no ritmo da respiração rasa dela. Seu brilho era a única fonte significativa de luz na enfermaria às escuras. O rosto esquelético de May, emoldurado pela janela de observação fosca, parecia morto.

Sensores detectaram movimentos rápidos dos olhos, o primeiro sinal de consciência, sob um adejar de cílios quase imperceptível. A cápsula respondeu, sua película branca avermelhando-se, e gradualmente aumentou o calor ao mesmo tempo em que administrava neuroestimulantes. Vagos vislumbres de luz e sons abafados e distantes eram tudo o que os sentidos entorpecidos de May conseguiam perceber. Os dedos dela arranharam fracamente o ar enquanto uma galáxia de neurônios disparava por todo o seu cérebro entorpecido. Sua pele corou sob uma fina camada de suor. Cada osso em seu corpo zumbia de agonia, e seu sangue parecia estar fervendo nas veias.

Apesar do rápido aumento de seus sinais vitais, May lutou para se agarrar à lucidez em meio a uma névoa mental que parecia impenetrável. Precisava desesperadamente de um empurrão ou corria o risco de morrer asfixiada pelo tubo de ventilação enquanto os sistemas de suporte de vida da cápsula reduziam-se à potência mínima. Ele veio com uma explosão de música natalina que irrompeu do sistema de amplificadores da nave, seguida por uma saudação gravada, berrada em tom festivo em vários idiomas. Com o agudo e cada vez mais volumoso coro de crianças entoando “Noite Feliz”, os rins enfraquecidos de May liberaram toda a epinefrina que haviam sido capazes de poupar. O efeito foi semelhante ao de

fazer pegar no tranco um carro que estava parado havia semanas em temperaturas abaixo de zero. O sistema nervoso autônomo de May rapidamente seguiu o exemplo, estimulando seus músculos em um violento espasmo para aquecer seu âmago. Quando a consciência fragmentada crepitou por toda a sua mente, a intensidade sonora do coro atingiu seu estridente crescendo, e May abriu os olhos.

3

— Paciente reavivada. Desativando cápsula de isolamento.

A calma voz feminina do sistema de inteligência artificial da espaçonave sobrepôs-se aos sons abafados das máquinas que se desligavam. O respirador de May desacelerou até parar com um suspiro cansado. A tampa da cápsula deslizou até abrir-se por completo, e a condensação das paredes internas se espalhou para o chão. Completamente desorientada, incapaz de focar a visão e mal conseguindo mover seus membros enfraquecidos, ela entrou em pânico. Seus gritos não conseguiram escapar pelo ventilador e tubos de alimentação, que a estavam fazendo engasgar violentamente. Ela os agarrou com os dedos que aos poucos descongelavam e lutou contra as simultâneas ânsias de tossir e vomitar enquanto os arrancava.

Quando finalmente conseguiu se livrar deles, começou a afundar no gel hipotérmico, que se tornara morno e viscoso. O gel arrastou-se pelo seu peito e envolveu seu pescoço, ameaçando sufocá-la. Uma descarga elétrica de pânico enviou espasmos dolorosos por seus músculos e incendiou sua pele com uma sensação de formigamento. O gel fedorento escorreu até o queixo, e May deu uma guinada e rolou para o lado, fazendo a cápsula balançar e tombar. Quando bateu no chão, May foi violentamente ejetada, resvalando e se debatendo pelo compartimento, as agulhas intravenosas arrancando nacos de pele. Ela avançou aos trancos e barrancos até topar com algo que parecia uma parede e lá ficou em posição fetal, expelindo um vômito aquoso com traços de sangue.

A mente de May era uma colmeia quebrada, fervilhando de perguntas. O que ela conseguia ver na escuridão, através de sua visão meio anuviada, não esclarecia nada. Ela sabia que estava em um hospital, mas onde? Não tinha lembrança alguma de ter sido hospitalizada ou mesmo de ter adoecido. Mas sentia-se muito doente, como se estivesse à beira da morte. O pânico enrolou-se em volta dela e a apertou, roubando seu fôlego. Ela queria dormir, o sussurro da morte tentando

persuadi-la a simplesmente fechar os olhos e se desprender da vida. Era atraente e envolvente ao ponto da sedução, mas de alguma forma ela sabia que isso seria letal. Podia sentir. Suas mãos se estenderam, procurando às cegas qualquer coisa sólida para segurar enquanto o ambiente girava, nauseante. Se contorcendo, desajeitada como um recém-nascido, ela começou a engatinhar.

O balcão ao longo da parede estava quase ao alcance da mão, então May concentrou-se nele, cravando as unhas no chão e arrastando os pés borrachentos. O nó dos dedos esbarrou em um dos frios e metálicos armários de armazenamento, e uma fraca corrente de alívio deu-lhe a confiança para prosseguir. Escorada sobre um cotovelo, depois o outro, usando toda a sua força para pegar impulso, ela se viu apoiada sobre as mãos e joelhos, seus fracos e trêmulos músculos mal aguentando seu corpo. Ela não tinha ideia do que fazer em seguida, então esperou até que um pensamento decisivo lhe viesse à mente.

Água.

De tão seca, sua língua teimava em grudar no céu da boca, que ainda estava com gosto de sangue. *Desidratação.* Esse era o nome do que estava sentindo. Já tinha passado por isso em algum lugar antes, várias vezes. *Pressão baixa.* Era isso que estava causando a tontura e a sensação de fraqueza.

Mexa-se.

Sua mente estava sacudindo as teias de aranha da letargia, fazendo o mundo entrar em um foco suave. No topo do balcão ao lado dela havia uma estação de exame médico com uma pia a um metro do chão. A ideia de ficar em pé parecia absurda, mas ela estendeu a mão, agarrou a borda do balcão e se apoiou em um joelho para se erguer, contraindo-se de dor com o que pareciam ser facas fumegantes enfiadas em cada articulação e músculo. Transferindo a força das pernas para os braços e vice-versa, permitindo que um deles descansasse enquanto o outro trabalhava, ela conseguiu ficar em uma posição agachada. Essa pequena vitória lhe deu confiança para perseverar. Ela se impulsionou a uma altura suficiente para jogar a outra mão dentro da pia e agarrar a torneira. Com toda a força que tinha, ela deu impulso com as pernas e puxou com os braços até conseguir ficar de pé.

Fitando a pia de metal, May sorriu com orgulho. Seus lábios estavam rachados e sangrando, mas ela não se importou, porque a água gotejou quando ela pôs as mãos sob a torneira. Ela se inclinou e deixou escorrer pela boca, engolindo cada gota que podia. O gosto era tão bom que ela choraria, se tivesse lágrimas de sobra. Depois de mais alguns goles, a água despertou seu instinto de sobrevivência. Sua visão tornou-se muito mais clara, assim como sua mente. Uma lanterna de emergência estava aninhada em um nicho na parede atrás da pia. Ela a puxou para fora e acendeu o fraco facho bruxuleante, examinando cautelosamente os arredores.

O que foi que aconteceu aqui?

A enfermaria estava em completa desordem, o conteúdo das gavetas, armários e cofres todo espalhado, aparentemente arrancado de seus lugares por mãos desesperadas. *Desespero por quê?* As macas estavam manchadas e desguarnecidas. May pensou que parecia uma triagem de zona de guerra. *Como é que eu sei o que parece?* Ela tentou deduzir causas, mas as gritantes falhas em sua memória e cognição induziram uma ansiedade que ela estava determinada a evitar. Instruiu a si mesma a se concentrar em levar seu corpo de volta a qualquer coisa que parecesse normalidade antes de tentar fazer o mesmo com a mente.

— Não complica.

Seu sussurro tinha um som rouco e estranho, mas ela ficou feliz em ouvi-lo. E concordava com o sentimento. Não complica. Ela pegou uma camisola do chão e a deslizou por cima da cabeça, apreciando seu calor imediato. A água tinha sido uma dádiva de Deus, mas ela sentiu a fraqueza e a pungente dor de cabeça da desidratação insinuando-se novamente. O facho da lanterna roçou um armário com bolsas de soro atrás do vidro. Era disso que ela precisava. Uma gigantesca infusão de líquido para reabastecer o que havia sobrado dela. Apenas dez passos de distância. Ela se arrastou de lado, tomando cuidado para manter-se agarrada ao balcão, de modo a não tropeçar em resíduos.

Quando chegou ao armário, viu que estava trancado. Tentar se lembrar de um código de acesso era uma tortura a que ela se recusava a se submeter. Enquanto procurava algo para golpear o que, ela tinha certeza, era vidro à prova de balas, May viu um escâner manual portátil ao lado do teclado. Pousou a palma da mão nele. Uma pequena tela ao lado do escâner piscou e exibiu:

Comandante Maryam Knox, Espaçonave de Pesquisa *Hawking II*

— Olá, comandante Knox — disse a IA alegremente.

— O quê? — disse May, assustada.

— Olá, comandante Knox.

— Eu estou... Eu acabei de acordar e... do que você me chamou?

— Comandante Knox.

— Comandante?

— Não entendi a pergunta.

O medo que May sentira florescer era agora terror completo.

— Desculpe. Eu não consigo... lembrar. A minha memória. Eu estava muito doente, acho. Estou fraca e preciso de líquidos... e comida. Pode me ajudar, por favor?

— Claro. Qual é a sua doença? No presente momento, não consigo acessar a rede da nave para examinar seus arquivos médicos.

— Eu não sei — disse May bruscamente, castigando suas frágeis cordas vocais.

— Eu sinto muito por incomodá-la. Há uma unidade de escaneamento rápido logo atrás de você. Com ela, posso ajudar a avaliar sua condição de saúde.

May virou-se e puxou a unidade de varredura portátil em sua direção.

— Expire dentro do tubo pulmonar e coloque um dos dedos no dispositivo de exame de sangue.

May respirou no tubo e teve um ataque de tosse. O dispositivo picou seu dedo sensível e ela gritou de dor.

— Não estou detectando nenhum patógeno conhecido — relatou a IA. — Entretanto, você está gravemente desidratada e desnutrida, e suas funções pulmonares estão bem abaixo do normal.

— Você é um gênio — disse May, sarcasticamente.

— Obrigada. Vamos começar a terapia intravenosa imediatamente.

Com a orientação da IA, ela tirou do armário uma bolsa com uma solução para hidratação eletrolítica rica em vitaminas e um esterilizador junto com duas canetas de epinefrina. Lentamente, transferiu esses itens para uma maca vazia e a IA a instruiu a aplicar as canetas de epinefrina antes de se deitar para receber a bolsa de soro. Puxando para trás a manga da camisola, procurou uma veia decente entre os rastros de picada de agulha. Os braços estavam salpicados de estranhas manchas vermelhas, que ela também encontrou nas costas e nas pernas. Algumas tinham crostas. Talvez tivessem relação com a doença dela? Sua cabeça doía.

— Comandante Knox, por favor insira a agulha intravenosa.

— Tudo bem, tudo bem. Jesus.

May grunhiu e encontrou em sua coxa uma veia que ainda não havia sido maltratada e, devagar e com cuidado, introduziu a agulha. A sensação era a de estar sendo empalada com um atizador incandescente. Quando o gotejamento aumentou, a súbita e inebriante onda de energia que tomou conta dela foi tão revigorante que por fim conseguiu espremer algumas lágrimas de alegria. A cereja do bolo foi colocar a máscara de respiração e inalar profundamente a mistura de ar rica em oxigênio. No mesmo instante ela se sentiu mais forte e mais alerta.

— Vou lhe dar um sedativo leve para ajudá-la a dormir — disse a IA suavemente.

May balançou a cabeça.

— Não. Eu estou... estou com medo de não acordar. E eu preciso saber o que é...

Ela bocejou e se deitou de costas, sem fôlego.

— É imperativo que você permita que seu corpo descanse. Vou monitorar de perto seus sinais vitais e acordá-la com um estimulante, caso haja algum problema. Além disso, a epinefrina que você injetou impedirá um sono profundo. Isso atenua seus temores?

— Sim, obrigada — disse May, relutante.

May não tinha motivo nenhum para confiar na IA. Quem poderia dizer que não fora ela a causa de qualquer desastre ocorrido à nave? Talvez o sedativo não fosse tão leve? *Mas se a IA te quisesse morta, você nunca teria saído da cápsula de tratamento intensivo. A IA só tomou consciência de você depois de acordar.*

May encerrou seu diálogo interno e o atribuiu à paranoia provocada pelo que quer que a tivesse acometido. Claro que ela se sentia vulnerável. Mas se a IA não era digna de confiança, de qualquer maneira May estava perdida. E ela não se lembrava de ter tido um problema com a inteligência artificial antes de tudo aquilo acontecer. *Antes de tudo aquilo acontecer. Como era?* Ela rezou para que, quando acordasse, percebesse que tudo era apenas um pesadelo. Poderia fazer piada sobre isso com sua tripulação. Todos dariam boas risadas.

Quando fechou os olhos, para apaziguar sua mente ela se concentrou neles. Pôde ver alguns dos rostos dos tripulantes. Eram borrões indistintos, mas partes entravam e saíam de foco, junto com nomes parciais. Aos poucos, uma lembrança ia se montando. Eles estavam juntos, fitando alguma coisa. Suas bocas se moviam rapidamente enquanto falavam, mas May não conseguia entender o que diziam. Os olhos estavam estreitos de preocupação, talvez até de medo. Em um átimo, a cena ficou mais nítida. A tripulação estava observando May, olhando para baixo como se ela estivesse no chão. Mãos a percorriam, tocando o pescoço dela para sentir a pulsação. Um homem se aproximou e ouviu a respiração dela. Jon? Ela tinha parado de respirar? Eles estavam gritando “comandante Knox”, batendo palmas na frente do rosto dela, apontando a luz de uma lanterna em seus olhos. Estavam tentando reanimá-la.

4

— Comandante Knox? — chamou a IA.

May acordou sobressaltada, de volta à enfermaria. A cena do sonho persistia. *Eu estava morrendo. Minha tripulação estava tentando me reavivar. Minha tripulação.* Ela tentou aferrar-se à memória dos rostos, mas eles continuaram escapando. *Eu estava morrendo.*

— Como foi o seu descanso?

— O quê? Bem.

— Você se sente melhor?

— Um pouco. Mais forte.

— Fico feliz em ouvir isso. Por favor, remova sua agulha intravenosa e descarte-a no recipiente adequado.

Lentamente, May tirou a agulha de debaixo da pele fina e sensível e se sentiu forte o suficiente para levá-la até a lixeira médica. “Noite Feliz” estava saindo em volume estridente dos amplificadores — uma espécie de versão multilíngue em falsete cantada pelo que ela imaginou ser um coro de eunucos vestindo gola rulê vermelha. Não havia nada de feliz e com certeza nada de paz.

— Você poderia, por favor, desligar essa música horrível?

— Sim.

Quando a música parou, May pôde pensar com um pouco mais de clareza, mas surgiram mais perguntas, exigindo sua atenção. Ela lutou para espantar a letargia. *Eu sou a comandante Maryam Knox. Espaçonave de Pesquisa Hawking II. Nasa.* Onde estava o Centro de Controle de Missão? Por que eles não estavam ajudando? Como puderam deixar aquilo acontecer? E o que, afinal, era *aquilo*? Ela tentava lembrar o que havia acontecido, mas sua memória parecia uma televisão com sinal intermitente cortando a estática. Fragmentos aleatórios dançaram zombeteiramente na ponta da língua, quase ao alcance.

— Eu estava morrendo...

— Por favor, repita — disse a IA.

— Estou tentando lembrar. Mas a minha cabeça... as coisas estão confusas.

— Você está tendo perda de memória?

— Consigo ver pedaços, fragmentos de coisas, rostos. Mas não consigo juntar tudo. Não lembro. Deus, o que aconteceu comigo?

— Você é capaz de relembrar memórias de longo prazo, como por exemplo onde você nasceu, o nome de seus pais e onde estudou?

May sondou o passado e achou animadoramente acessível. Quis percorrê-lo o máximo possível, com medo de perdê-lo.

— Eu nasci na Inglaterra. Cidade natal, Bournemouth. Minha mãe e meu pai, Eva e... Wesley. Ambos pilotos, agora falecidos. Meu pai morreu quando eu era muito pequena. Ele era um fuzileiro naval da Marinha Real. Foi morto em combate. Eu me lembro de fotos dele de uniforme... me segurando no colo quando bebê... seus olhos azuis cintilantes e cabelo loiro platinado, penteados para trás... ele sempre parecia tão esperto, de uma inteligência afiada. Mamãe me criou. Ela era piloto da RAF. A única mulher negra em sua classe de cadetes a chegar ao posto de tenente-coronel da Força Aérea Real. Bastante rígida. Mais sargento-instrutora do que mãe. Mas ela me ensinou a pilotar... Não tenho irmãos. Cursei a Escola Preparatória na Academia Duke of York. Faculdade da Força Aérea Real em Cranwell. Treinamento de oficiais. Depois, programa de pilotos de teste, programa espacial. Meu marido é o dr. Stephen Knox...

May parou de repente. Sentira uma pontada de tristeza ao mencionar Stephen, mas não tinha ideia do motivo. Naquele momento, percebeu que havia algo no casamento deles, algo errado, à espreita nas sombras como um espírito inquieto. Ela mal era capaz de admitir para si mesma, quanto mais de mencionar à IA algo a respeito.

— Tudo isso parece sólido e consistente — continuou ela — como se tivesse acontecido ontem.

— E quanto ao seu treinamento e deveres como comandante? — disse a IA.

— Um pouco enevoado quando acordei, mas agora a maior parte parece acessível, como instinto ou memória muscular.

— Você se lembra de adoecer ou ser entubada?

— Não, aí é que está. Não tenho a menor lembrança de nada disso. E outras memórias, mais recentes, estão inconsistentes, muito mais fragmentadas.

— Eu não sou capaz de executar um diagnóstico formal sem um quadro neural completo, mas com base no fato de que você está tendo mais dificuldade em recordar memórias de curto prazo, em comparação com as de longo prazo, talvez esteja sofrendo uma forma de amnésia retrógrada.

— Amnésia? — zombou May. — Eu achava que as pessoas só tinham essas coisas em filmes ruins de baixo orçamento.

— É bastante comum em casos de lesão cerebral traumática, encefalite causada por infecção e exposição a grandes doses de medicamentos anestésicos ou sedativos...

— No meu caso, talvez sejam todas essas possibilidades que você citou — lamentou May. — É permanente?

— Não sou capaz de encontrar nenhum modelo de previsão para a recuperação. Parece que isso é determinado caso a caso.

— E quanto ao tratamento? Existem medicamentos que possam ajudar?

— Não, pacientes com amnésia retrógrada geralmente são tratados por meio de terapia ocupacional e técnicas de psicoterapia que usam sugestões para estimular a recuperação da memória ao longo do tempo.

— Ao longo do tempo — repetiu May.

— Correto. Dependendo do paciente, esse processo pode demorar até...

— Acho que já ouvi o suficiente por enquanto, obrigada.

— De nada. Disponha.

May pensou na missão. Quanto mais recuava no tempo, maior a clareza. Ela se lembrava do lançamento e de boa parte da viagem para... Europa. Mas era aí que as coisas começavam a se fragmentar — alcançaram a órbita, a expedição planetária. As peças ficavam menores e mais dissociadas na jornada de volta, quando ela de alguma forma adoeceu.

— Você gostaria que eu realizasse mais alguns testes para avaliar o problema?

— Mais tarde — rebateu May, sua mente volátil e o estômago roncando, enraivecido. — Estou tonta e morrendo de fome, minha cabeça está doendo e estou prestes a cair no choro. Caralho, como eu odeio chorar.

— Talvez seu nível de açúcar no sangue tenha caído abaixo do normal. Há tabletes de glicose no compartimento perto de onde você encontrou as bolsas de soro.

May mastigou o máximo de tabletes que conseguiu enfiar na boca. Eram repugnantemente doces, mas se dissolveram rápido e a fizeram se sentir mais concentrada. E também reduziram sua dor de cabeça a um pulsar distante e monótono.

— Estou melhor, obrigada. Agora, para a cozinha. — May percebeu que não sabia ao certo como chegar à cozinha. — Hã, você pode me guiar até lá?

— Por favor, coloque a palma da mão sobre a tela da parede e efetue o login no console de comando. Fornecerei uma rota destacada no mapa da espaçonave.

May posicionou a mão na parede. A larga tela de dupla face se acendeu em vibrantes lascas de luz e o logotipo da Nasa apareceu, seguido por uma foto do dossiê de May em um uniforme de voo com seu nome e patente. Sua imagem a deixou impressionada. A mulher da foto era feliz e saudável, com pele marrom

radiante. Sua boca estava ligeiramente curvada em um sorrisinho irônico que reluzia em seus olhos brilhantes, que pareciam tomar posse de tudo que observassem, como o modelo retratado em uma pintura de cujo olhar não se pode escapar. Ela examinou seu reflexo na tela para se certificar de que estava olhando para a mesma pessoa. A semelhança estava lá, ainda que dolorosamente vaga. Tudo nela agora parecia doentio. Seu cabelo outrora bem aparado, com reflexos dourados sutis nas pontas dos cachos, agora estava emaranhado e sem brilho, e sua pele estava empalidecida. O pesar que sentiu por seu eu perdido — não apenas sua aparência, mas o que tinha conhecido e quem tinha sido — produziu lágrimas amargas.

— Está tudo bem? — perguntou a IA.

May não conseguiu responder. Cada palavra tornou-se um nó em sua garganta. Era imperativo que fizesse alguma coisa, qualquer coisa, para melhorar sua aparência horrível. Ela abriu de chofre a sala de suprimentos e trocou sua camisola imunda por um avental cirúrgico novo. Calçou sapatilhas que aqueceram seus pés congelados. Depois de engolir alguns pacotes de gel de nutrientes do armário, ela esfregou o rosto com sabonete e água morna. Com relação ao cabelo, que estava emaranhado além de qualquer possibilidade de conserto, ela não teve outra escolha a não ser raspar bem rente ao couro cabeludo com tesouras cirúrgicas. Quando terminou, ela olhou no espelho. Um pouco de cor havia retornado à sua pele e seus olhos estavam um pouco mais brilhantes.

Pronto, agora você parece um cadáver apresentável, ela pensou, e conseguiu sorrir.